

## **FORMAÇÃO ECONÔMICA E OCUPAÇÃO TERRITORIAL DA BAHIA: elementos para construção de um Atlas Histórico da Bahia**

1. **Moira Sousa Alves**- Bolsista FAPESB/UEFS. Graduanda em Ciências Econômicas. Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [moirasousa@hotmail.com](mailto:moirasousa@hotmail.com)
2. **Caio Figueiredo Fernandes Adan**- Orientador. Departamento de Ciência Humanas e Filosofia. Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: [caioadan@gmail.com](mailto:caioadan@gmail.com)

**PALAVRAS-CHAVE:** Atividades Econômicas. Bahia Colonial. Produção Açucareira.

### **Introdução**

Esta pesquisa está integrada a um projeto de pesquisa maior intitulado Formação Territorial da Bahia: subsídios para construção de um Atlas Histórico da Bahia colonial (sécs. XVI – XVIII) e compreende o estudo do processo de formação econômica e ocupação do território baiano durante o período colonial, tendo em vista contribuir com elementos para a construção de um Atlas Histórico da Bahia Colonial.

No âmbito deste plano de trabalho, pretendeu-se compreender o desenvolvimento das principais atividades econômicas estabelecidas no território vinculado à capitania da Bahia entre os dois primeiros. Entre tais atividades, destacou-se aquela considerada a mais importante no Recôncavo baiano, o plantio da cana-de-açúcar e o processo de seu beneficiamento (SCHWARTZ, 1988).

A partir da documentação primária, composta de crônicas históricas e registros cartográficos, e em diálogo com a bibliografia especializada, procurou-se mostrar, a quantidade estimada de propriedades produtoras de açúcar, sua localização geográfica ao longo dos séculos XVI e XVII, e o modo como a atividade açucareira interagiu com outros setores da economia colonial.

Assim, as informações colhidas servirão para atender a finalidade maior desse projeto de pesquisa, qual seja contribuir para a construção de um Atlas Histórico da Bahia Colonial.

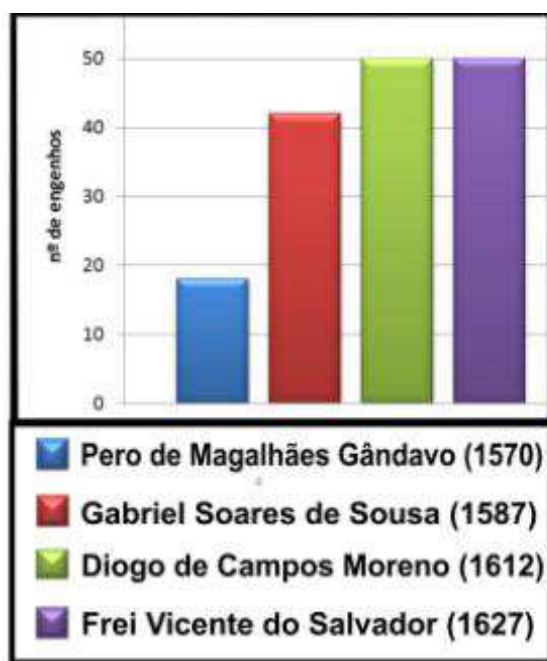
### **Metodologia**

Do ponto de vista metodológico a pesquisa consistiu no estudo da documentação histórica especializada, em que se buscou os elementos mais importantes para a compreensão do processo de formação do território baiano, bem como a identificação das principais atividades econômicas desenvolvidas e dos marcos de seu alcance temporal e espacial. Deu-se ênfase aos trabalhos dos cronistas e viajantes que viveram ou visitaram a Bahia durante o período colonial. Começou-se pela obra intitulada “Tratado Descritivo do Brasil” (SOUSA, 1587), um tratado que constituiu um dos primeiros relatos sobre o Brasil colonial, contendo informações minuciosas sobre a Bahia de Todos os Santos, região estudada durante a pesquisa. “Tratado de terra do Brasil” (GÂNDAVO, 1570), “História do Brasil” (SALVADOR, 1627) e “Livro que dá Razão do Estado do Brasil” (MORENO, 1612) foram outras obras estudadas. A análise de mapas e cartogramas históricos também foi outro conjunto documental compulsado pela pesquisa.

### **Discussão dos dados**

Para o desenvolvimento da pesquisa foi importante buscar aqueles que em suas obras se dedicaram à observação minuciosa dos principais acontecimentos que contribuíram para a formação do território em questão, mais especificamente os relatos referentes aos dois primeiros séculos coloniais. Vale mencionar, aqui, os relatos dos cronistas Sousa (1587) Gândavo (1570), Salvador (1627) e Moreno (1612), a partir dos quais se pôde fazer o cotejo de informações referentes à grande propriedade produtora de açúcar, o engenho.

A partir das obras citadas, pôde-se estimar a quantidade de engenhos existentes na capitania ao longo dos séculos XVI e XVII, podendo ser observados no gráfico abaixo:



**Figura 01 – Engenhos da Capitania da Bahia (1570-1627)**

Fica evidente a expansão da produção açucareira no território baiano entre os dois primeiros séculos da colônia, sendo que existiam 19 engenhos em 1570 e, 50 anos depois, 40 e 50 engenhos.

Observou-se que a maioria dos engenhos localizava-se às margens da Baía de Todos os Santos e ao longo dos rios que nela desembocavam. Esses mesmos rios eram aproveitados como meio de transporte para o escoamento da produção, bem como fonte de energia para as rodas d'água. O clima quente e úmido dessa região e a presença de solos extremamente férteis (conhecidos como solos de massapé) ofereciam condições ideais para o plantio de cana.

Quase metade dos engenhos ficava na zona de Pirajá, Matoim, Paripe e Cotegipe. Uma segunda maior concentração de engenhos situava-se nas ilhas denominadas Marapé por Gabriel Soares (SCHWARTZ, 1988).

De acordo com Felisbela Freire, citado por Rodrigo Ricupero (2007), a ocupação econômica dessas áreas foi possível não só pelas “peculiaridades geográficas”, mas também pelos “sucessos políticos-militares na luta ou convivência com o gentio”.

Mesmo tendo em vista o cronograma do atual plano de trabalho, cujos objetivos foram os de identificar as principais atividades econômicas engendradas pela colonização portuguesa no território baiano durante o período colonial, bem como as características de sua organização social e territorial e sua dinâmica no tempo e no espaço, a pesquisa

focou-se especificamente em uma das principais atividades econômicas, a açucareira, apenas no primeiro século da colonização.

### **Considerações finais**

Em suma, visto que não houve tempo hábil para o cumprimento dos demais objetivos, devido à amplitude da pesquisa, viu-se a necessidade de desenvolver o estudo apenas na indústria açucareira, cujo estudo fora iniciado com a análise da obra do cronista Gabriel Soares de Sousa (1587), no intuito de identificar a quantidade de engenhos e o local de sua concentração.

Ao término deste projeto de iniciação científica podemos concluir que o povoamento da Baía de Todos os Santos (século XVI), se deu por ocupação dessas terras com a atividade açucareira, seja, com plantação de cana, ou como seu processamento.

### **Referências**

FERLINI, Vera Lucia Amaral. Terra, trabalho e poder: o mundo dos engenhos no Nordeste colonial. Bauru : SP: EDUSC, 2003.

FITZ, P. R. Novas tecnologias e os caminhos da ciência geográfica. Diálogo Tecnologia, v.6, p. 35-48, 2005.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. Tratado de Terra do Brasil. In: Anais do I Encontro Nordestino de História Colonial. João Pessoa: ENHC, 2006 (em CD-Rom).

GOMES, Maria do Carmo Andrade. Velhos Mapas, Novas Leituras: Revisitando a História da Cartografia. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 16, pp. 67 - 79, 2004.

HENRIQUES, Isabel de Castro. Território e identidades: a construção da Angola Colonial. (c. 1872 - c. 1926). Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004, p. 36-37.

JOLY, Fernand. A Cartografia. Campinas: Papirus, 1990.

LINHARES, Maria Yêdda; SILVA, Franciso Carlos Teixeira da. História da Agricultura Brasileira: combates e controvérsias. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Bases da Formação Territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no longo

MORENO, Diogo de Campos. Livro que dá Razão do Estado do Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; Ministério da Educação e Cultura, 1968.

RICUPERO, Rodrigo. Governo geral e a formação da elite colonial baiana no século XVI. In: FERLINI, V. A.; BICALHO, M. F. Modos de Governar: idéias e práticas políticas no Império Português. Séculos XVI – XIX. São Paulo: Alameda, 2005.

SALVADOR, Frei Vicente do. Historia do Brasil. In: Anais do I Encontro Nordestino de História Colonial. João Pessoa: ENHC, 2006.

SANTOS, Milton. A rede urbana do Recôncavo. In: BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.) Recôncavo da Bahia: Sociedade e economia em transição. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1998.

SCHWARTZ, Stuart B. Escravos, roceiros e rebeldes. Bauru: Edusc, 2001.

\_\_\_\_\_. Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550-1835. São Paulo: Companhia das Letras; CNPq, 1988.

SOUSA, Gabriel Soares. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. In: Anais do I Encontro Nordeste de História Colonial. João Pessoa: ENHC, 2006.